



IX SEMINÁRIO DE ESTÁGIO

A EDUCAÇÃO FÍSICA COMO UM MEIO DE SOCIALIZAÇÃO PARA PESSOAS COM DEFICIÊNCIA

Dickyson Serafim Dantas¹, Marília Neri Calixto¹, Thayná Alves Bezerra¹
E-mail: dickyson.dantas@urca.br / marilia.neri@urca.br / thaynaalves.ef@gmail.com

¹Departamento de Educação Física/Universidade Regional do Cariri

RESUMO

O presente trabalho trata-se de um relato de experiência feito a partir da vivência de estágio supervisionado em uma instituição de ensino especializado. O objetivo deste trabalho foi promover a socialização entre os sujeitos participantes das aulas de Educação Física de uma forma mais integradora e lúdica em uma instituição de ensino especializado localizado na cidade de Juazeiro do Norte – CE. As turmas compostas por até 6 alunos na faixa etária entre 04 e 50 anos, na sua maioria com TDAH, Síndrome de Down e TEA. Optamos por trabalhar com atividades lúdicas baseadas nas habilidades motoras com o intuito de trabalhar os aspectos afetivos, cognitivos e psicomotores. Concluímos que conseguimos atuar de forma significativa na formação dos alunos, ao longo das aulas. Pudemos observar uma considerável mudança de comportamento durante as atividades, maior socialização com os colegas e conosco, havendo assim uma maior afetividade.

Palavras-chave: estágio supervisionado, deficiência intelectual, relato de experiência.

INTRODUÇÃO

Atualmente o conceito de Educação Física é de que esta é uma área que trabalha não apenas o corpo em movimento, mas que trabalha a partir do corpo em movimento¹. Assim, o objetivo dessa disciplina não é apenas fazer com que as pessoas saibam jogar as diversas modalidades esportivas, mas sim que elas possam vivenciar essa prática, compreender suas origens, realizar reflexões sobre todo o comércio que está envolvido na realização de cada esporte (materiais esportivos, atletas, etc.), por isso, entendemos essa disciplina como uma interação complexa entre indivíduo e sociedade.

Entretanto, sabemos que a temática dos jogos e brincadeiras fazem parte do campo da educação física, com isso pode ser trabalhado de uma forma mais lúdica e divertida com os indivíduos e principalmente com as crianças, no qual vai levar o sujeito a aprender e a interagir, tanto com o ambiente quanto com as pessoas ao seu redor, além de estimular a criatividade dos mesmos, pois utilizando a ludicidade nas atividades práticas, pode-se criar ambientes gratificantes e atraentes. Essas atividades podem servir como estímulo para a melhoria do desenvolvimento integral das crianças, oportunizando-as desenvolver melhor suas capacidades, sua autonomia, somado ao que



Relato de Experiência

os jogos podem trazer consigo: a motivação, o entusiasmo, a concentração, a criatividade, o resgate da autoestima, entre outros. E são essas atividades lúdicas que facilita a aprendizagem, o desenvolvimento pessoal, social e cultural, colabora com a saúde mental, prepara para um estado positivo que facilita os processos de socialização, comunicação, expressão e construção de conhecimento².

O domínio das habilidades motoras fundamentais é básico para o desenvolvimento motor de crianças. As experiências motoras, em geral, fornecem múltiplas informações sobre a percepção que as crianças têm de si mesmas e do mundo que as cerca³. Contudo, as crianças que possuem alguma necessidade especial, é notável que vai apresentar um repertório motor diferente das demais, mais não significa que ela seja excluída das atividades, então deve-se haver um planejamento individual para cada pessoa com deficiência, e assim realizar as devidas adaptações necessárias. Sendo assim, o método dos jogos e brincadeiras vão proporcionar a essa população uma maior socialização com os outros e consigo mesmo.

Nessa direção, sabemos que para que um indivíduo possa viver em sociedade, é necessário que ele compreenda as normas sociais, ou seja, as formas de pensar, agir e se comportar em tal sociedade. Nos primeiros anos de vida passamos pela socialização primária, que nos auxilia a entender a linguagem e as regras básicas de comportamento que são consideradas adequadas para o convívio em sociedade, essa socialização ocorre em todas as etapas da nossa vida, mas sendo ela mais evidente na infância⁴. O principal responsável por esse processo de socialização é a própria família, e quando se trata de pessoas com deficiência, esse processo se torna mais delicado, pois pessoas com deficiência seja ela física ou intelectual, requerem um pouco mais de paciência, atenção e um tempo maior. Atualmente, para muitas pessoas com deficiência ainda é bem difícil socializar, estar por dentro de eventos, sejam eles didáticos, esportivos, etc. E através dessa experiência de estágio decidimos entender através dessa nossa vivência se a Educação Física é realmente um meio eficaz de socialização para pessoas com deficiência.

No tocante à socialização de Pessoa com Deficiência (PCD), também são escassos os estudos. Em pesquisa de artigos nas áreas de Psicologia e Administração sobre essa temática, encontraram-se quatro estudos específicos sobre socialização, sendo todos recentes. Eles apontam para a importância da preparação prévia de ações sistematizadas por parte das organizações, a fim de facilitar a socialização⁵. Algumas constatações importantes são apresentadas no estudo de Carvalho-Freitas et al.⁶, que podem ajudar a compreender o processo de socialização das PCD e também orientar intervenções futuras:

- a) Quanto maior a percepção de que são realizadas ações de sensibilização, mais as PCD tomam iniciativa de buscar informações para se adaptarem e se integrarem na organização;
- b) Os pares e colegas são de grande importância no processo de socialização;
- c) Os processos institucionalizados de socialização são fundamentais para que se garantam a real inclusão e o crescimento dessas pessoas.

As necessidades educativas especiais dos alunos com deficiência mental devem ser reconhecidas e levadas em conta, encontrando-se estratégias para que elas não



Relato de Experiência

representem impedimento à constituição de conhecimentos e valores, principalmente do aspecto da socialização⁷. A Educação Física contribui bastante nesse processo da socialização da PCD, pois através dela podemos trabalhar reconhecendo a individualidade de cada um, incentivando eles a fazerem as atividades propostas, comemorando junto com eles ao final de cada atividade, mostrando que elas são tão capazes quanto uma pessoa que não tenha deficiência. Quanto mais se aproxima do aluno, quanto maior for o vínculo com ele, mais subsídios o profissional da Educação Física terá para realizar seus planejamentos em prol não apenas do desenvolvimento do aluno num aspecto geral, mas também do processo de socialização.

E trabalhando com o caráter lúdico e criativo valorizado pelos jogos e brincadeiras, faz da temática uma atividade atrativa e bastante praticada, que vai proporcionar o lazer, recreação e saúde, para os seus praticantes, podendo ser realizada em qualquer ambiente de forma individual, em grupo e coletiva. Proporcionando a essas pessoas a oportunidade de conviver e reconhecer os diferentes tipos de atividades e brincadeiras. No qual vai haver uma troca de relações entre eles e o ambiente. Portanto trabalhamos de forma adaptada e lúdica, através dos jogos, brincadeiras, e atividades que respeitassem as características, individualidades e necessidades das crianças, dos jovens e adultos com diferentes tipos de deficiências.

Nesse sentido, o presente relato de experiência, trata-se da apresentação das vivências dos estagiários no período do Estágio Curricular Supervisionado V, do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Regional do Cariri. O mesmo aconteceu na Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE) da cidade de Juazeiro do Norte-CE. Nosso objetivo no presente estágio foi promover a socialização entre os sujeitos participantes das nossas aulas de uma forma mais integradora e lúdica.

DESENVOLVIMENTO (RESULTADOS E DISCUSSÃO)

Iniciamos nosso trabalho na instituição da APAE, localizada em Juazeiro do Norte- CE, onde fomos muito bem recebidos. A fase de observação ocorreu durante a primeira semana de estágio, através dela, pudemos conhecer a instituição, os locais onde seriam realizadas as aulas, e os alunos com quem iríamos desenvolver tais atividades. Esse ambiente de trabalho é bem espaçoso, e tem muitos materiais disponíveis para ser trabalhado com os alunos. E notamos que as principais atividades que eles realizavam eram estáticas, salvo pelo horário que eles tinham acesso à piscina. Ainda na fase de observação conhecemos um pouco sobre a deficiência de alguns alunos, como por exemplo, o autismo, que era bastante comum e requeria uma maior atenção.

O planejamento na Educação Física é uma forma eficaz para o bom desenvolvimento das aulas, tratando-se de ações planejadas para alcançar os objetivos propostos. Neste processo de aprendizagem entre professor e aluno, a aula e o processo básico de ensino, cada aula tem uma situação específica didaticamente falando, pois é nela que aponta a assimilação dos conhecimentos e habilidades⁸. Com isso podemos dizer que a aula, envolve todas as situações didáticas onde se apresenta os objetivos, os conhecimentos, os problemas e desafios, enfrentados na aula, com fins instrutivos e formativos, que movem as crianças e jovens ao aprendizado⁸.

No caso do aluno com deficiência, acreditamos que diversos são os caminhos pedagógicos que podem ser percorridos pelo professor de Educação Física, contudo,



Relato de Experiência

faz-se necessário, primeiramente, o conhecimento sobre tal deficiência e suas implicações no cotidiano desse aluno e, a partir desse ponto, definir as ações pedagógicas que serão realizadas, devendo estas estarem interconectadas entre os vários aspectos do saber, do sentir e do fazer. Nesse sentido, nossas ações pedagógicas apontam para vivências corporais interativas do aluno com deficiência na sua totalidade, reforçando e ampliando a sua condição humana e de sujeito-cidadão. Soares et al.⁹: através da estimulação promovida pela Educação Física, o aluno, a partir de uma perspectiva de reflexão sobre sua cultura corporal, adquire condições suficientes de refletir seu movimento e sua corporeidade.

Nesse sentido, tivemos algumas dificuldades com o planejamento em si, pois nem sempre era possível aplicar aquilo que planejamos. Alguns alunos já eram acostumados com a rotina que possuíam, e muitas vezes não queriam ou não se permitiam experimentar algo novo, e a partir daí vimos a necessidade de criar um vínculo afetivo com eles, para que eles pudessem ter confiança em nós, de modo que conseguíssemos aplicar as atividades que tínhamos em mente, e que posteriormente trariam muitos benefícios para eles. Além disso, promovemos no início e final de cada aula, um período livre de 5 a 10 minutos de duração, para que eles pudessem brincar livremente entre elas, e também fazer o que elas já estavam acostumadas, e essa prática pode proporcionar interação, criatividade e diversidade de movimentos, fazendo com que a aula começasse e terminasse sempre com um momento de alegria, ludicidade e liberdade. E assim continuamos esse processo, a cada nova aula, uma nova interação com eles, sempre ouvindo bastante o que eles tinham pra dizer, demonstrando de fato interesse neles, sempre fazendo as adaptações necessárias às dificuldades e limitações de cada um e propondo atividades que estimulassem a coordenação motora, o senso de direção, a percepção do ambiente e das cores, essas eram algumas das habilidades que eles tinham mais dificuldade, justamente por serem atividades que não faziam parte da rotina desses alunos.

Para fazermos o comparativo ao final do estágio, utilizamos aspectos visuais e perceptivos que estavam ao nosso alcance. Percebemos que os alunos com deficiência da APAE já socializavam bastante entre eles mesmos com conversas, e durante as brincadeiras internas, etc. E além dessa sociabilização, o nosso objetivo durante as atividades propostas era de proporcionar condições de experiências variadas, sociáveis e positivas, para esse público, sem exigência e sem cobrança para com eles, mais sim incentivando a ser praticada com prazer. E que através do caráter lúdico conseguimos ter uma maior socialização com eles, pois os mesmos recebiam os nossos estímulos positivos e os mesmos correspondiam de maneira ativa e positiva.

Um dos exemplos disso foi durante uma aula nossa, de dança e jogos conseguimos incluir um aluno com TEA em nível elevado, o mesmo visualizava os colegas dançando, mais não se interessava e rejeitava e a partir daí incentivamos ele a fazer o mesmo, da sua maneira, em seu tempo, em seguida incluímos a dança com a brincadeira do “pega-pega” com auxílio da música, a atividade era em dupla. E durante o processo notamos uma grande interação dele com sua dupla e com os outros, ele corria com sua dupla, dançava, tentava pegar o colega, foi socialização incrível dele com os colegas e conosco, o mesmo passou bastante tempo brincando, e quando encerrou ele pedia mais, foi uma experiência incrível de ver que nossa estimulação propiciou esse avanço, ajudando ele e os outros a melhorar sua socioafetividade, assim como suas habilidades motoras.



Relato de Experiência

Com o passar das semanas que estagiamos lá, eles demonstraram um maior interesse em participar das atividades que trazíamos, vimos também que mudou a forma como eles nos recebiam, já vinham ao nosso encontro, cumprimentando, abraçando, e o mais importante era a forma como interagiam uns com os outros, visto que, a socialização entre a maioria deles já era bem notável como foi citado, (alguns deles não se comunicavam de maneira clara), eles passaram a se comunicar e interagir ainda mais entre si, seja na hora da merenda, ou nos momentos em que eles realizavam as atividades propostas por nós tanto na sala quanto na piscina. Foi nítido que a cada aula os nossos alunos avançavam mais, tanto na execução das atividades como a própria interação e socialização com os colegas e com nós professores.

CONCLUSÃO

Portanto, concluímos que mesmo com o curto tempo de estágio foi possível notar que houve uma contribuição de forma significativa na formação dessas crianças, ao longo das aulas as crianças e os adultos demonstraram uma considerável mudança de comportamento, durante as atividades, socializando com os colegas, e conosco havendo assim uma maior afetividade. Evidenciando a compreensão de que cada aluno é único, e que ensinar a todos e ensinar bem, de forma amorosa e paciente é essencial para a aprendizagem dessas pessoas especiais. Deixando claro a importância observar, escutar, dialogar com elas, além de interagir e incentivar esses alunos com distintas deficiências (como a deficiência física, o autismo, síndrome de down e o TDAH), a participarem das atividades adaptadas, de maneira lúdica e sociável, o que promoveu uma maior integração e aprendizagem dos mesmos. E neste caso, conseguimos estimular alguns alunos e os mesmos nos davam um retorno com um estímulo positivo, e isso foi muito gratificante para nós professores, além de trazer benefícios e melhorias para os mesmos.

AGRADECIMENTOS

Queremos agradecer a oportunidade que a APAE e a professora Elisângela nos proporcionou, trabalhar com esse público maravilhoso que nos acolheu de braços abertos, foi uma experiência incrível que nos trouxe um novo olhar sobre a realidade dessas pessoas com necessidades e o quanto elas são especiais, cada um com seu jeitinho. E esse tempo junto com eles aprendemos bastante e descobrimos novas formas de se trabalhar com eles, além da grande afeição e carinho que sentimos por todos. Então queremos agradecer a todos vocês que foram nossos alunos, e estiveram compartilhando bons e alegres momentos conosco, saibam que aprendemos muito com vocês e nunca esqueceremos seus sorrisos, amamos vocês.

Agradecer também as professoras colaboradoras Geysa Gachate e Thayna Bezerra que foi nossa orientadora durante esse período de estágio, e é claro a própria instituição da APAE de Juazeiro do Norte- CE e todos os seus funcionários pela oportunidade, e especialmente a professora Elisângela que esteve conosco durante essa experiência incrível que foi o Estágio Supervisionado V.



Relato de Experiência

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - RONDINELLI, P. "O que é Educação Física?"; Brasil Escola. Disponível em: <https://brasilescola.uol.com.br/educacao-fisica/o-que-educacao-fisica.htm>. Acesso em 25 de julho de 2022.
- 2 - SANTOS, S. M. P. dos; CRUZ, D. R. M da. O lúdico na formação do educador. Petrópolis: Vozes, 1997.
- 3 - GALLAHUE, D.L.; OZMUN C.J. Compreendendo o Desenvolvimento Motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos. 1 ed. São Paulo: Phorte Editora, 2001.
- 4 - BETONI, C. "Socialização- o que é, como ocorre"; Info Escola. Disponível em: <https://www.infoescola.com/sociologia/socializacao>. Acesso em 25 de julho de 2022
- 5 – ASSIS, A. M.; CARVALHO-FREITA, M. N. "Estudo de caso sobre a inserção de pessoas com deficiência numa organização de grande porte." REAd. Revista Eletrônica de Administração (Porto Alegre) 20 (2014): 496-528.
- 6 - CARVALHO-FREITAS, M. N. (2007). A Inserção de pessoas com deficiência em empresas brasileiras – Um estudo sobre as relações entre concepções de deficiência, condições de trabalho e qualidade de vida no trabalho. Tese de doutorado, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil.
- 7 – SILVA, V. C. S.; REYES, J. O papel da Educação Física na inclusão de pessoas com deficiência. EF deportes, v. 1, 2015.
- 8 - LIBÂNEO, J. C. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1995.